Por que não escreveu Capistrano de Abreu a História do Brasil? (*)

Dolor Barreira

Examinado, ainda de relance, o que, sôbre história do Brasil, escreveu CAPISTRANO DE ABREU, conclue-se, sem maior embaraço, que, nesse setor da nossa literatura, o grande cearense, que — segundo se diz — teria servido de modêlo à figura central do "CORUJA", de ALOÍSIO AZEVEDO, fêz obra fragmentária, intermitente, irregular e, por isso mesmo, incompletíssima. Limitou-se, com efeito, a assinalar capítulos, trechos, episódios do nosso passado, embora — ao que afirma AGRIPINO GRIECO — o dominasse como ninguém. Traçou artigos, monografias, quando muito, algumas delas mais longas e demoradas, mas sempre meras monografias . . .

Que o diga a introdução ao "Pequeno tratado do princípio e origem dos índios do Brasil, e de seus costumes, adoração e cerimônias", em a qual, com provas a que chama extrínsecas e intrínsecas, demonstra ser o mesmo tratado da autoria de FERNÃO CARDIM.

Que o diga a introdução ao "Tratado da Terra do Brasil" e à "História da Província Santa-Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil", de PERO DE MAGALHÃES GANDAVO, onde faz sentir que «essa história é antes natural que civil, o mesmo se podendo afirmar do Tratado» e que êsses livros «são uma propaganda de imigração».

Que o diga a "Obra de Anchieta no Brasil", em que se inclina a não admitir como verdadeira a história de que o Apóstolo do Novo Mundo tivesse tomado parte na execução de Bolés, substituindo o carrasco, mesmo por que — conforme assevera — o fidalgo francês «não morreu no Rio, mas na Índia, para onde foi mandado depois de anos de vida ruïdosa no Brasil e de um processo rigoroso no Santo Ofício de Lisboa».

(*) Lido na sessão de 21 de Setembro de 1942.

Que o diga o prefácio ao "Diário", de PERO LOPES DE SOUSA, que, no entender do seu insigne prefaciador, «para a história fornece menos do que fôra de esperar».

Digam-no, de sua parte, o seu "Descobrimento do Brasil", aliás simples tese de concurso à cadeira de história do Brasil do Colégio Pedro II; os seus "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", e os seus "Capítulos de História Colonial", que abrangem, apenas, o período que vai de 1500 a 1800 e que uma nota singular e curiosa caracteriza: omissão completa sôbre a conjuração mineira.

De resto, a respeito, faz-nos Tristão de Ataíde o seguinte relato, cujo conteúdo diz ter todas as razões para julgar autêntico: «Em 1906, antes de entregar os originais dessa obra, mostrou-os Capistrano a um amigo, pedindo-lhe que desse a sua impressão e indicasse o que lhe parecia a originalidade do trabalho. O amigo leu e relatou o que mais lhe agradara. Mas Capistrano, de mau humor, lhe respondeu: — Vejo que perdi todo o meu latim. Se você não viu o que eu quis fazer, que fará o público? Pois a única coisa que eu tive mesmo em vista foi o seguinte: mostrar que se pode escrever toda a história colonial do Brasil sem mencionar siquer o nome de Tiradentes!»

Quando não eram artigos e monografias, onde se traem a sua paixão pela minúcia, prejudicial às sínteses gerais, de que se absteve, a volúpia com que se apraz na procura, achada a decifração do documento farejado ou adivinhado, Capistrano de Abreu se contentava em fazer anotações e comentários, como aconteceu com a "História do Brasil", de frei Vicente do Salvador, que descobriu e divulgou, e com a "História Geral", de Francisco Adolfo de Varnhagem, visconde de Pôrto-Seguro... Embora aí — servindo-me da expressão de HUMBERTO DE CAMPOS — quase sempre decida, «confrontando documentos, analisando-os, revalidando os textos de acôrdo com a época em que foram escritos, uma infinidade de questões até então controvertidas, assentando o edifício da nossa história nos seus pilares definitivos». Mas, a despeito de fecundos e preciosos, sempre simples comentários e anotações.

Capistrano de Abreu, realmente, não fêz obra uniforme, homogênea, integral, cujas partes, ligadas, coordenadas e travejadas entre si, se harmonizassem no grande Todo, a História do Brasil...

Esboçando, em breves traços, a vida da colônia, nos seus "Capítulos", em trabalhos outros, parciais e episódicos, aplicou vistas rápidas sôbre D. João VI, á Revolução de 1817 e o Constitucionalismo (relativamente ao movimento nativista de Pernambuco — e assim mesmo através de uma análise do livro de To-

lenare — "Notas Dominicais" —, aí está o que escreveu o grande mestre: — «Não pode haver dúvida: a revolução veio inesperada, porque mataram a dois oficiais de linha, o Governador fugiu para uma fortaleza, sem munições, de ordem alguma, o padre João Ribeiro falou de República, Martins tendia para jacobino, e os revoltados, espantados ainda com a trajédia, aceitaram a solução inesperada, como aceitariam qualquer outra, a de uma anistia, por exemplo.»); não se deteve no Primeiro Reinado, onde, aliás, segundo nota ARMITAGE, «apezar de todos os erros de Pedro I, o Brasil, durante os dez anos de sua administração, fez certamente mais progressos em intelligencia do que nos tres seculos decorridos do seu descobrimento á proclamação da Constituição portugueza de 1820» (o que, em relação ao primeiro Imperador e ao seu govêrno, escreveu Capistrano, cifra-se a pouco mais de duas páginas, num ligeiro bosquejo a que deu o título de "O Brasil no século XIX"); desenhou-nos, numa pincelada, a Regência, sem fazer qualquer estudo sôbre os movimentos subversivos que, então, de norte a sul, convulsionaram o País, nem sôbre as suas três figuras representativas — Feijó, que afirmou a supremacia do govêrno civil; Evaristo, que salvou o princípio monárquico, e Vasconcelos, que reconstruíu a autoridade, como tudo observa Joaquim Nabuco, no seu gigantesco "Um Estadista do Império"; e tôdas as suas reflexões, atinentes ao reinado de Pedro II, com a abolição do tráfico, a conciliação, o incidente Christie, a guerra do Paraguai, a questão religiosa, a abolição e a questão militar, condensou-as o egrégio historiador em sete páginas de um ensaio que intitulou "Fases do Segundo Império".

Como se vê, fragmentos, notas, pedaços, trechos esparsos... «Mais historias do Brasil, do que Historia do Brasil», como êle mesmo disse da obra de frei Vicente do Salvador...

Mas, se, consoante ao vibrante dizer de Ronald de Carvalho, foi Capistrano de Abreu «um dos mais profundos sabedores das nossas coisas», ou, como diz Tristão de Ataíde, «a sua familiaridade com a historia e com o passado era tão grande, como era em Balzac, por exemplo, a familiaridade com as suas personagens, para ele muito mais **reais** do que as sombras de carne e osso que em torno dele se agitavam», por que, todavia, não fêz a História do Brasil, êle que, armado de tais credenciais, estava, com efeito, mais do que ninguem, talhado para a monumental construção?!...

Terá sido por que, como uma vez escrevera, enquanto não possuíssemos uma história dos jesuítas, que considerava obra urgente, seria presunçoso quem quisesse escrever a do Brasil?

Tristão de Ataíde, no capítulo "Formação espiritual brasileira", da 4ª. série dos seus "Estudos", acredita que foi essa a

causa por que Capistrano de Abreu nunca se decidiu a escrever a grande História do Brasil, que todos esperavam êle nos desse.

Terá sido por que «não era chegado o tempo, ainda lhe faltava muita coisa», «um ponto obscuro a esclarecer, um documento a consultar, a necessidade de um manuscrito que pertencia a uma biblioteca da Europa", como — ao que nos informa Mário de Alencar — respondia aos amigos, que, reïterada a instantemente, lhe perguntavam por que não levantava êle o grande monumento ?

Aliás, refere Antônio Sales que, cedendo a injunções dêsses amigos, «chegou Capistrano de Abreu a munir-se de uma série de cadernos, e em cada um punha a numeração de um capítulo, dos quais ia escrevendo o começo. Então — continua o romancista de "Aves de Arribação", que gozou da sua privança — era visto pela rua a sobraçar os cadernos, de que não se separava . . . sinão quando, um belo dia, os esqueceu na Biblioteca Nacional, para não mais procurá-los» . . .

Terá sido por que, no juízo de Tristão de Ataíde, expresso na apreciação crítica aos "Capítulos da História Colonial", publicada na 1ª. parte da 3ª. série dos seus citados "Estudos", «o que lhe interessou, acima de tudo, foi a nossa formação, o mistério da nossa elaboração»? E daí — acrescenta o notável publicista —, o empenho «que teve pelos indigenas e pela sua linguistica. O amor pelos cronistas e a reedição de alguns deles a que se entregou. A preocupação de pesquizar dados originais e identificar atribuições duvidosas ou informantes velados, como o precioso Antonil» ?

Terá sido a falta de método histórico, de modo a se poder afirmar, como NELSON WERNECK SODRÉ, na sua "História da Literatura Brasileira", que Capistrano de Abreu «ficou na situação de quem, acumulando material em demasia, sentiu-se incapaz para a construção do edifício, para alicerçar e fundamentar, em uma síntese poderosa, tudo aquilo que recolhera e esmiuçara» ?

Terá sido por que «a curiosidade de sábio absorveu a iniciativa do escritor», dizendo melhor e mais claramente, o exercício permanente e ininterrupto da leitura «esquivou-o ao trabalho de produzir, que é sempre penoso para as inteligencias serias e cultas» e lhe sacrificou a atividade no escrever, que uma tal tarefa, qual a de construir uma história do Brasil, impunha incessante e indeclinàvelmente ?

Por que — diz Mário de Alencar — «a leitura é tão necessaria para ele [Capistrano de Abreu], tão dominadora como um vicio». E conclue: — «Acredito que passaria um dia em jejum ou sem fumar, mas não passaria sem ler. Numa interrupção

de sono, alta noite, repousa lendo. Lê no bond, ás horas da comida, em toda a parte, e lê de tudo, poesia, obras de ficção, direito, ciencias fisicas e naturais, filosofia, economia politica, e ainda lhe sobra atenção para acompanhar os jornais daqui e os principais do estrangeiro».

Capistrano de Abreu, nesse particular, lembra D. Miguel de Unamuno . . . Lembra o' prelado francês Daniel Huet, «um dos ledores mais famosos de que ficou memória e temos notícia». René Peter, em "La Vie Sécrète de l'Académie Française", refere-se — relata-nos EDUARDO FRIEIRO — a êsse voraz consumidor de papel impresso, que até quando se vestia, para não perder tempo, acompanhava a leitura feita pelo seu criado de quarto, e não se consolava das horas que perdia, dormindo ou comendo.

Sentia Capistrano de Abreu «a necessidade física da leitura», de maneira que o livro ocupava, na sua vida, «um lugar tão importante como a mesa, o sono e o amor» . . . Era daqueles a que alude o autor de — "Os livros nossos amigos" —, «que desejariam viver várias vidas, para poderem ler todos os livros que merecem ser lidos» e «que almejariam morrer, como Petrarca, com um livro na mão, por efeito de um suave sôpro, como uma vela que se apaga» . . .

Aliás — diga-se de passagem — e ao que me informou um dos seus íntimos — nunca lia um só livro de cada vez. Lia sempre, ao mesmo tempo, três, cinco, sete, às vezes mais, gulosa e insaciàvelmente . . .

Mas, continuando a nossa indagação: por que não escreveu Capistrano de Abreu a História do Brasil?

Terá sido por que, «na verdade, o que lhe interessava, a ele, era satisfazer a sua propria curiosidade, e não a idéa de transmitir aos outros aquilo que havia verificado», como Humberto de Campos salienta, dizendo que «os livros que deixou constituiam, para ele, simples notas de uso pessoal, de que os amigos se apossaram» e que «ele, por sua vontade, os teria destruido, a todos, para que não ficasse na terra vestigio da sua passagem»? Terá sido, por outros termos, a sua nenhuma atração pela publicidade, o ceticismo com que sempre a encarou?

O mesmo HUMBERTO DE CAMPOS ainda acentua que, nas suas consultas a manuscritos existentes na Biblioteca Nacional, «encontrado, afinal, o que procurava com aquele afã, tomava as suas notas em um pedaço de papel, e respirava, satisfeito. E fechava, de novo, os **in-folios**, mandando guardá-los, — esquecendo, quasi sempre, dentro deles, o papel com as notas que havia tomado».

Tôdas estas causas, operando simultâneamente, poderiam

ter desviado Capistrano de Abreu de levantar a grandiosa construção, para cujo erguimento êle parecia, pelo seu preparo, o indicado arquitecto.

Ao meu ver, porém, há duas causas que, para isso, concorreram, uma delas capital e incisivamente.

A primeira é que a Capistrano de Abreu faltou capacidade filosófica.

Isto mesmo já dissera Sílvio Romero, no seu "Zeverissimações Ineptas da Crítica", 1ª. série, publicado em 1909.

A princípio afigurou-se-me que essa afirmativa podia ser levada à conta da velha animadversão do émulo de José Veríssimo contra o grande cearense, crivado, naquele atrabilioso escrito, dos mais desprezíveis qualificativos: — pérfido, tortuoso, envenenado, terrível intrigante, etc., etc..

Estudando, porém, com o correr do tempo, a obra histórica de Capistrano de Abreu, verifico que, postos de parte tais excessos, é de todo verdadeiro o conceito do desabusado crítico cergipano.

Realmente, ao autor de "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil" faltou aquele senso que sobejou a João Ribeiro e que lhe tornou possível ligar «o descobrimento do Brasil aos ciclos dos navegadores que dilataram o ocidente europeu, — através do Atlântico» e «a história das primeiras lutas internacionais à grande causa econômica da expansão européia, à causa do comércio livre, do internacionalismo, do **mare clausum** ou do **mare liberum** que é uma das feições do seculo XVII»; que lhe tornou possível «escrever integralmente a nossa história segundo nova síntese», delineando — coisa que — ao que êle mesmo diz — ninguém antes dêle fizera, pois «nenhum dos nossos historiadores ou cronistas seguiu outro caminho que o da cronologia e da sucessão dos governadores» — delineando — repito — «os focos de irradiação da cultura e civilisamento do País»; que lhe tornou possível indicar «as quatro células fundamentais que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo»: a de Pernambuco, a da Baía, a de S.-Paulo, a do Rio, a do Maranhão ou Pará, explicando que «cada um dêsses focos tem o seu sentimento característico: o da Baía é o da religião e da tradição; o de Pernambuco é o radicalismo republicano e extremo de tôdas as revoluções; o de S.-Paulo (Minas e Rio) é o liberalismo moderado (aclamação monárquica de Bueno, as "províncias coligadas" que sustentaram a independência com a monarquia, etc.); o da Amazonia, demasiado indiano, é talvez o da separação, como o é no extremo sul o Rio-Grande (a formação recentíssima), demasiadamente platino»; que lhe tornou possível expor «que sempre houve nos nossos movimentos de emancipação polí-

tica duas correntes liberais separadas: uma, dos memelucos, que desde o século XVII almeja em suas revoluções a república, o federalismo e mesmo o abolicionismo; outra, da sociedade colonial, latina e portuguesa, que faz o constitucionalismo, o império e, com êle, a centralização e a unidade».

Aliás, na "História da Literatura Brasileira", de NELSON WERNECK SODRÉ, no capítulo em que êste se ocupa dos estudos históricos, entre nós, está consignado o mesmo conceito, com o seu apontado corolário, **in verbis**: «Faltou a Capistrano — alí se diz — o lastro filosofico, que daria unidade á sua pesquiza e ultimaria o seu esforço imenso». E se adúz: «Se esse extraordinario conhecedor dos nossos assuntos possuisse a intuição filosofica, para iluminar a sua cultura, teria sido o historiador que o Brasil, pelo malogro de mais essa tentativa, está esperando».

Faltou-lhe, sim, «a capacidade sintética, a filosofia dos fatos, a perspicácia analítica, a amplitude generalizadora», que são «os dotes dos grandes historiadores», e sem a posse dos quais é irrealizável a feitura da séria, verdadeira e definitiva história do Brasil, que Capistrano, pelas circunstâncias assinaladas, e por que devia conhecer-se a si mesmo, se sentia incapaz de fazer . . .

A segunda causa — em rigor e, pela sua natureza, própria a dispensar qualquer outra — é que Capistrano de Abreu não pensou, de início e em verdade, em fazer a história do Brasil . . . É o que depreendo dêste tópico de uma carta do nosso ínclito patrício a José Veríssimo, inserta no vol. XXXVII, página 371, da Revista da Academia Brasileira de Letras: «Quando pensei em consagrar-me á Historia do Brasil, resultado de uma leitura febricitante de Taine, Buckle e da viagem de Agassiz, feita ainda no Ceará, **não me lembro se pretendia abarcar toda a Historia. Mais tarde** reconheci que era necessario incluir a época contemporanea, mas a minha curiosidade dispersou-me a atenção por toda a parte, e agora posso dizer como Monte-Alverne: é tarde; é muito tarde!»

Por aí, e de seu lado, se vê que não tinha razão Mário de Alencar quando asseverava que era certo que Capistrano «havia de compor finalmente a sua obra definitiva . . . Era uma questão de tempo e também de condição mental».

Verdadeiramente, se o "homem de penumbra", como lhe chamava AGRIPINO GRIECO, tivesse podido conhecer essa carta, ao tempo em que escreveu o trabalho a que não poucas vezes recorrí, não teria feito tal afirmação . . .

Aí ficam as despretensiosas e desalinhavadas notas com que procurei dar uma resposta à pergunta que lhes serve de epígrafe.